



GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI

Entrevista a Rui Vieira

GD: De que gosta muito?

RV: Da minha família. De rir. De ler, aprender e saber – tenho sempre fome de conhecimento. De sentir as páginas e o cheiro dos livros, viajar, conhecer novos costumes, de pessoas inteligentes e que me surpreendam (em vias de extinção), cavalos... e, claro!, os AMIGOS.

GD: O que detesta ou o irrita muito?

RV: Hipocrisia. O facto de em Portugal não se ler, e quando se pergunta a algumas pessoas que se sentem na obrigação de dizer que lêem, se justificarem com a falta de tempo e com uns títulos ou temas que memorizaram e lhes parece *bem*, e não existir o culto do livro. Irritam-me os papagaios que se dizem especialistas – *um especialista é alguém que sabe muita coisa de uma pequena coisa, ou seja, sabe muita coisa de nada* –, e a importância que se dá ao futebol.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

RV: Difícil de responder... ainda me faltam muitos passos para dar.

GD: Em pequeno era uma criança difícil?

RV: Fui uma criança com a liberdade do meu tempo. Tive a sorte de viver na Baixa do Porto: brinquei na rua, joguei à bola, tive um carrinho de rolamentos, atravessava o rio Douro a nado (às escondidas dos meus pais), subi montanhas e fiz alpinismo, campismo selvagem... fui bom aluno, mas os meus pais eram frequentemente chamados à escola pelo comportamento; lia tudo que podia (e como filho de alfarrabistas tive a sorte de ter sempre muitos livros). Se pudesse voltar atrás gostava de que tudo se repetisse sem alterar ou acrescentar uma vírgula.

GD: Ainda estamos no início, e vem aqui já uma difícil. Se uma imagem vale mais que mil palavras, quanto vale o silêncio de um abraço sentido?

RV: Hoje, um abraço, com o afastamento que se impõe, vale mesmo tudo; temo que se torne natural o não-abraço. É complicado (como pai de dois adolescentes) presenciar os não-abraços na geração dos meus filhos. A palavra «imagem» actualmente leva-nos para outras interpretações, em particular quando comparada com um abraço; há um ditado português que tenho tentado alterar... melhor, evoluir: *pela imagem morre o peixe*.

GD: Qual foi a sensação que teve depois de ver o seu primeiro livro nas bancas?

RV: Talvez por ter nascido no meio dos livros e ter conhecido vários escritores e personalidades ligadas ao mundo literário, curiosamente, não consigo descrever uma sensação excepcional ou de grande realização; ainda hoje sorrio quando me apresentam como escritor, mas quando se vê o primeiro livro nas bancas o sentimento ou desejo é de ver o segundo... Um dia, numa viagem de avião, o passageiro ao meu lado ia a ler a *Eternidade Noutra Noite*, e eu disse-lhe que conhecia o livro e que de certeza que iria gostar... Lá foi lendo, e quando aterrámos, fecha o livro, e comentou: «Diferente, gostei mesmo do primeiro capítulo, mas há passagens que tive de ler mais do que uma vez.» Já quando estávamos na gare, veio a correr atrás de mim, envergonhado a pedir-me desculpa por não me reconhecer, para me pedir um autógrafo; o livro tem uma foto minha na badana... reconheceu-me. Precio as reacções à leitura e os encontros com leitores (leitores, mesmo) são sempre muito interessantes. O que adianta ver um livro numa prateleira com o nosso nome se ninguém o lê? Uma vez convidaram-me para falar dos meus livros numa prisão a um grupo de reclusos (já o fiz duas vezes) e fiquei impressionado com a forma que dissecaram os meus textos e com as perguntas que faziam.

GD: Qual foi a principal razão por que tudo começou com um *Guardador de Almas*?

RV: O *Guardador de Almas* não foi o meu primeiro texto. Foi o “livro” com o qual concorri ao Prémio Literário da Cidade de Almada em 2004. Ganhei, e as coisas mudaram. Mas “um” guardador de almas, que é um coveiro, teve uma razão de ser: queria escrever um livro que se passasse dentro da cabeça da personagem, onde os pensamentos e os sentimentos se atropelassem constantemente, e um coveiro, ex-combatente da guerra de África, tinha todos os ingredientes para a ideia que gostava de desenvolver como livro.

GD: Quem é o seu ídolo?

RV: Ídolo: meu pai. Depois há vários nomes que aprecio, nas letras: António Lobo Antunes, Agostinho da Silva...; gostava de ter conhecido Caravaggio, Picasso, pelas personalidades, ... e o Alf (sim, o *alien* de Melmac), Bruce Springsteen, e ultimamente surpreendeu-me Bill Gates (deve ser da idade).

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

RV: Sem dúvida. Procura-se. Julgo que a origem é grega, mas num dos poemas épicos de Virgílio encontrámos o célebre ditado – *Audaces Fortuna Iuvat* – a sorte protege os audazes (na versão mais portuguesa e lema do Comandos).

GD: Nunca lhe passou pela cabeça dedicar-se em exclusivo à arte da escrita?

RV: Escrevo pelo prazer que me dá escrever. É um exercício de prazer e quase purga, obriga os neurónios e os sentidos a funcionar todos ao mesmo tempo. Não conheço nenhum escritor, em Portugal, que sobreviva única e exclusivamente da escrita. Penso que se tivesse de viver da escrita teria de abdicar da minha forma de escrever – interessa-me muito mais a forma como se conta a história do que a história –, e reconheço que os meus textos não me permitiriam sobreviver; gosto de que os leitores dos meus livros se percam no texto, que não percebam quem fala... alguns dizem-me que voltam atrás vezes sem conta, gosto de esconder o texto e deixar que a história seja

construída pelo leitor – não imaginam o número de versões que cada texto tem até estar burilado, não há uma letra que não seja pesada e medida até à exaustão –; os livros que se vendem (e viver da escrita implica vender) seguem por caminhos que não me interessam. Mas, obviamente, escrever precisa de tempo: demoro dois/três anos a escrever um livro, e só é possível com dedicação e, digamos, já tenho projectos para o futuro quando o tempo for só meu.

GD: Tenho conhecimento de que o também escritor Carlos Granja em tempos afirmou que o Rui era um excelente contador de histórias. Quer partilhar com os sócios do Grupo Desportivo, por palavras escritas, uma pequena história?

RV: Gosto de uma boa tertúlia. O Carlos Granja, além de ser um escritor com uma sensibilidade ímpar, tem uma obra notável e um trabalho em prol da literatura que tornou Ovar uma das cidades literárias de referência. Bom, faço um desafio: tendo por tema a pandemia e as mudanças de vida que sofremos, numa coletânea com as mais diversas intervenções (poesia, desenho, pintura, vídeo...) que pode e deve ser consultada aqui: <https://torpor.abysmo.pt/>, participei com um conto com o título *Conheço Ventos*. Não será uma pequena história, mas... começa assim:

Aprendi a conhecer ventos.

As árvores da janela da minha sala trocam segredos entre as folhas, murmuram palavras santo-e-senha que não decifro doze caracteres, uma letra maiúscula, uma minúscula, três algarismos para conhecerem os códigos do vento, frases soltas como suspiros e talvez falem de mim, pedem-lhe que me indague a alma para perceberem porquê, afinal o estranho sou eu, quase não me viam e agora eu no rectângulo que os ramos das copas dominam, riem-se do meu pijama às riscas, da barba que deixei crescer e dos chinelos que começam a deformar num dos calcanhares, dois meses do quarto para a sala, da sala para o quarto, arrasto-me no acanhado apartamento de sempre, de repente mais pequeno do que imaginava, a esquina da cristaleira que cresce quando saio da cozinha para me confinar na mesa redonda encostada à parede, o portátil que trouxe do escritório que a Informática distribuiu e o relatório que preencho todos os dias à mesma hora a olhar o vazio do ecrã, o telemóvel sempre ligado, e as gavotas que já não fogem do parapeito, bicam o vidro em desafio, levanto os olhos e permanecem descontraídas a alisar as penas, mesmo quando o computador ou a rede falham e o chefe quase aos gritos no outro lado do telefone, Eduardo, não está no seu posto **eu, quarenta anos no meu posto, de aqui a oito meses uma salva de prata com um rendilhado de letras que não me interessa e finjo ler, (...)**

Uma vez mais, para saber até onde vai a pandemia <https://torpor.abysmo.pt/conto/conheco-ventos/>.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

RV: A vida.

GD: E o que é um dia perfeito?

RV: Não há um dia perfeito, há todos, mas... Com a família. Sem confinamentos. Acordar cedo enquanto todos dormem, folhear as notas e os rabiscos da noite. Acordar a família e começar a rir, rir, rir... quando todos adormecerem, sentar-me com o livro ou com o texto do momento e voltar à cama tentando não acordar ninguém.

GD: Se atribuíssemos apenas uma parte do dia para o acto de meditar, qual seria o período por si escolhido? Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

RV: Logo depois de acordar. Durmo muito pouco e não posso interromper os sonhos.

GD: Augusto Cury, escritor e psiquiatra brasileiro, tem a opinião de que apenas os homens inteligentes sabem que as mulheres são admiravelmente complexas, um mundo a ser explorado, um tesouro a ser descoberto. Elas são tão fascinantes, que no dia em que eles acharem que conhecem uma mente feminina, deveriam saber que erraram o diagnóstico. Em alguns livros, a personagem principal é uma mulher. Acha que ele tem razão? As mulheres são um ser assim tão complexo?

RV: Em todos os meus livros a mulher é a personagem principal, e são sempre muito marcantes, o que não é difícil: as mulheres são mais fortes do que os homens... dizem que os meus livros são complexos e difíceis de ler, deve-se às personagens (risos). Numa vez, numa Feira do Livro, uma senhora comentou que a descrição da dor de parto que faço em *Eternidade Noutra Noite* poderia ter sido a dela – as mulheres estão sempre à nossa frente, nem que seja apenas nove meses, e nós, homens, nunca recuperaremos – é um desafio. As sociedades matriarcais foram sempre mais prósperas, e fiquemos por aqui... Quando começo um texto sei sempre como acaba, escrevo o livro para saber o que aconteceu e conhecer a história, e é inevitável a presença feminina. Quem trincou a maçã?

GD: Na vida qual é que é mesmo a regra do jogo?

RV: Ser feliz em todos os momentos. E dois lemas: esta vida são dois dias e o Carnaval no Brasil são três; e os cobardes morrem sempre duas vezes.

GD: «É a falar de sentimentos que o ser humano se materializa.» Sabemos que procura fugir do descritivo porque prefere o romance que fala de sentimentos reais... no fundo que fala da vida real. É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

RV: Há uma aprendizagem para tudo. No cinema tenho nitidamente presente o antes e o depois de ser pai. E um pai aprende a verter duas lágrimas, mas não com lamechices. Emociono-me mais facilmente com um livro.

GD: O Rui escreve na primeira pessoa. Queremos acreditar em que opta por essa solução sempre que se prepara para escrever uma história com um conteúdo intenso e carregada de sentimentos. Mas também sabemos que, por vezes, essa primeira pessoa é uma personagem feminina. Será que, nestes casos, a primeira pessoa não acaba por lhe trazer dificuldades acrescidas? 😊

RV: Tecnicamente é mais difícil escrever na primeira pessoa. Por exemplo, fazer passar o tempo é muito mais complicado. É também mais desafiante, e corre-se mais riscos de perder o leitor se não encarnar a personagem; quando lemos na primeira pessoa a narrativa é nossa, na terceira pessoa é alguém que nos conta uma história (e já está tudo escrito) e a nossa história é sempre diferente. *O Guardador de Almas* tem um narrador onnipresente, mas prefiro a primeira pessoa: permite explorar melhor o cérebro das personagens e armadilhar o texto para os leitores. Foi apenas o primeiro texto. No texto que estou a terminar a personagem principal é de um homem, é um ensaio romanceado à evolução da nossa sociedade e às imagens que se apelidam de sucesso.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

RV: Confesso que evito. Este tipo de conversas ou as entrevistas no geral são um indicio de vaidade, e simplesmente... evito. Um dos meus autores preferidos, Thomas Pynchon, que terá oitenta e tal anos, não aparece desde os vinte e dois – ninguém o conhece – é um escritor de culto, pouco traduzido em Portugal, vale pelos seus livros e não por ter um produtor de imagem ou aparecer nos eventos sociais. Hoje os livros não valem só por si, não conseguem fazer o caminho sozinhos, são inevitáveis alguns aparecimentos e o meu editor “obriga-me” a algumas exposições, chamemos públicas... gosto das Feiras do Livro. O António Lobo Antunes diz frequentemente que os livros não deviam ter o autor (as árvores que se poupavam). Leio as rubricas da revista do Grupo Desportivo e não podia dizer que não a amigos com quem me cruzo há mais de vinte anos.

GD: Porque é que o *Malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro, era um livro importante de ser lido pela criança Rui Vieira?

RV: (Isto foi bem pesquisado) Como referi, os meus pais eram (a minha mãe mantém a livraria aberta) alfarrabistas; como tal, sempre se leu muito lá em casa, mas nunca me impuseram um autor; minha mãe, uma confessa admiradora de Miguel Torga; meu pai, de Aquilino e João de Araújo Correia (que dizia ser muito melhor que Torga, e hoje percebo porquê)... bom, mas sem imporem os seus gostos, de vez em quando, o meu pai dizia-me: «Tens de ler Aquilino, começa pelo *Malhadinhas*...»; hoje, quando me falta uma palavra (aquela palavra!), pego num livro qualquer de Aquilino e vou folheando e lendo passagens, e a palavra acaba por aparecer... Tenho tentado que os meus filhos leiam o «*Malhadinhas*», mas ainda não o consegui... (risos). Quem tiver chegado aqui, pense qual foi a última vez em que leu um livro do Aquilino Ribeiro...?

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

RV: Não sei se os meus livros vão ser a minha pegada, mas gostava de não ser apenas mais uma pessoa que passou por aqui. Se pensarmos friamente, que escritores se lêem do século passado? Mesmo os grandes nomes da literatura, hoje (alguns) são lembrados nos centenários ou em teses académicas. Nos livros, talvez fiquem os poetas. Espero que as gerações vindouras sejam exigentes com os sonhos – muito exigentes – e não cedam à imagem fácil. Se conseguir que os meus filhos sejam exigentes com os sonhos e saibam perdurar a ideia, já me sentiria realizado. E ocorreu-me agora: se um dia alguém decidir escrever porque os meus livros o inspiraram...

GD: Até hoje, qual foi o dia mais difícil, durante a pandemia?

RV: Não há um em particular, mas os que se passaram a ver os meus filhos a terem aulas amarrados a um ecrã de computador, fechados em casa sem estarem com os amigos. O que este vírus fez aos adolescentes e aos jovens é inadmissível... e os políticos e os burocratas por toda a Europa falharam, mas isto não interessa... adiante.

GD: Consegue encontrar uma razão objectiva para que o *Milénio* tenha ficado na gaveta?

RV: Não sei onde desencantaram esta, mas, simplesmente, não prestava. Era mau. Não tinha o que procurava e o que procuro num livro (meu) – preocupava-se mais com a história do que com a forma de a contar. Mas vou mais longe: se fosse hoje, o *Guardador de Almas* talvez lhe fizesse companhia; é um livro que deixa uma pegada (já agora), considerado o primeiro livro do pós-Guerra Colonial em que o autor não tem memória de guerra (não cumpriu sequer serviço militar) e tem sido uma referência obrigatória nesta área de estudo. Nunca li qualquer dos livros depois de publicado. Quando me perguntam se gosto dos meus livros, respondo que nunca os li, mas quando penso no *Guardador de Almas* e em tudo que lhe devo, fico muitas vezes com a sensação de que se fosse hoje ficaria na gaveta... talvez um dia o leia.

GD: Onde é que gostava de estar daqui a 10 anos?

RV: A guiar o camião de cavalos do meu filho mais velho pelos circuitos europeus de saltos de obstáculos.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

RV: Salto completamente da cama e ouço todos os dias as reclamações para falar menos e mais baixo.

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?

RV: Sempre bem-disposto. A vida... e os passos que faltam dar não permitem indisposições.

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

RV: Não sei se a pergunta tem alguma ratoeira: caipirinha, mas não costuma ser com lima?

GD: Porquê a necessidade de escrever também para as crianças?

RV: Foi um desafio de um escritor amigo e um presente para os meus filhos. *Os Cavalos de Santiago*, para o Santiago (o cavaleiro de quem vou guiar o camião), e tenho um segundo texto – *Bernardo e Anjo da Neve* –, que espera que a minha mulher (pintora de vocação e formação) termine as ilustrações para o Bernardo.

GD: Se o euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que fazia?

RV: Ainda não programei, mas não conseguiria comprar um Caravaggio ou um bom Picasso.

GD: O que é que um livro infantil lhe consegue oferecer que um livro para adultos não consegue?

RV: A inocência da história, mas curiosamente os dois textos têm a complexa personagem feminina (risos).

GD: Por falar em ofertas, o que é que a idade nos oferece?

RV: Memórias... e o saber sorrir aos pobres de espírito.

GD: E o que é que ela nos tira?

RV: Tempo para os passos que nos falta dar... e a visão ao perto. Tenho que usar óculos para ler e escrever (e escrevo à mão).

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

RV: Não sei, não vejo a vida como conquistas. A minha mulher, o estar sempre bem com a vida, o sorriso permanente dos meus filhos, a vontade de viver todos os segundos o mais intensamente possível...

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

RV: Não consigo dissociar. Ambas.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

RV: Claro que na capacidade de mudar. Só não dominamos o tempo, é impossível retardar ou adiantar um segundo, é a única propriedade física incontrolável.

GD: Tem saudades de quê?

RV: De ser menino no meu tempo e do meu pai.

GD: O que queria ser quando era menino?

RV: Cientista.

GD: O que quer ser quando for velhinho?

RV: Menino.

GD: E hoje, quem queria ser?

RV: Apenas eu.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorre é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

RV: Julgo que não. Tive a sorte de os meus pais me proporcionarem uma infância preenchida e mesmo feliz.

GD: Aos 54 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

RV: Fernando Namora, outro dos escritores esquecidos, inicia o livro *Estamos no Vento* com a seguinte pergunta: «Que olhos tem um homem de cinquenta anos para ver a nova face do mundo?» Não sei nada, ainda quero saber e ver muitas, muitas coisas. E não sei (tenho medo) se os meus filhos me vão considerar um bom pai, é o único medo que sinto – e o medo deve-se ao desconhecimento –, ter sido egoísta para ter filhos e poder falhar como pai.

GD: Por falar em saber, quem sabe os seus segredos?

RV: Não tenho segredos, segredos... sou um livro aberto, com vários livros publicados. Tenho muitos – muitos! – sonhos e nem todos ainda partilhados.

GD: Quem é o seu maior fã?

RV: Sou o filho mais velho, e como todos os filhos mais velhos, o maior fã é a nossa mãe.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

RV: O silêncio da noite, um livro que me arrebatava no primeiro parágrafo e o leio de um fôlego, encontrar um livro que me falta numa prateleira de um alfarrabista... um bom tinto. Os sucessos dos meus filhos.

GD: Em que altura da vida é que começou a entender que algumas regras podem e devem ser quebradas?

RV: Acho que todos nascemos com o dom da irreverência, depois é que nos deixamos moldar; como referi, com 12/13 anos atravessava o rio Douro a nado às escondidas dos meus pais – nem quero imaginar os meus filhos a fazerem isso –, talvez fosse mais por inconsciência, mas gosto de me desafiar a mim mesmo a ultrapassar os limites. A irreverência pode ser uma qualidade desde que não se seja irreverente por ser, ou porque fica bem no *currículo*. Somos um povo demasiado formatado para as regras, de brandos costumes, a única coisa que os portugueses não cumprem é o limite de velocidade nas auto-estradas, mas porque se acham todos pilotos fantásticos (a irreverência do asfalto) e continuamos a ser o país europeu com o maior número de mortes em acidentes rodoviários. Considero-me uma pessoa de convicções e quebro as regras que tiverem de ser quebradas desde que não prejudique ninguém. Sou incapaz de prejudicar alguém para obter um proveito pessoal (acho que devo acrescentar nos lemas de vida).

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

RV: O meu avô repetia frequentemente a frase de *os cobardes morrerem sempre duas vezes*; e uma outra que aprecio, quando o homem não sabe, até os *tintins* estorvam. Na escrita sempre me disseram que uma frase nunca sai à primeira, quanto mais um texto ou um livro. Também sigo à risca que um livro que nasce pelo título nunca será bom.

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

RV: Mesmo muito feliz. Vivo constantemente apaixonado pela vida.

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

RV: Tínhamos um acordo de que não falávamos do Banco.

GD: O que é que este período de confinamento lhe ofereceu?

RV: Curiosamente alguma tranquilidade e uma vontade enorme de viajar... para mim existe Itália e o resto do mundo, mas neste caso viajar para lugares inóspitos, sei lá, ocorreu-me Mongólia... seja.

GD: Já percebemos que é um homem de desafios. Qual é o próximo?

RV: Lançamento do próximo livro em Outubro/Novembro, tirar a carta de veículos pesados e ainda não subi ao Everest.

GD: Um dos grandes prazeres da leitura, é que uma viagem literária consegue levar-nos a todo o lado sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

RV: Aprendi a ler com os livros do Emílio Salgari, o famoso Sandokan, e desde sempre desejei conhecer a Malásia (já tive hipótese de o fazer), só mais tarde soube que o autor nunca tinha saído de Itália e descrevia as paisagens pelas descrições que lhe chegavam. Lembrei-me de um livro, *Alcatrão*, do Luís Brito, publicado pela Abysmo; relata as viagens do Luís, sem dinheiro, pelos quatro continentes apenas com uma mochila; devia ser obrigatório os pais oferecerem e obrigarem os filhos adolescentes a ler este livro... o resto deve aparecer por acréscimo.

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

RV: Tínhamos combinado não a fazer.

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?

RV: Cinema.

GD: Prosa ou verso?

RV: Prosa (invejo os poetas).

GD: Livro ou crónicas soltas?

RV: Livro

GD: Escrever para crianças ou para adultos?

RV: Adultos. Mas as crianças são uma surpresa. Gosto de encontros nas escolas, e as crianças fazem as perguntas mais inteligentes. Há dois/três anos estive numa escola e preparei uma história para introduzir o “debate”, que se passava na praia, e uma menina com 11/12 anos levantou-se e diz que nunca tinha visto o mar...

GD: Primavera ou Verão?

RV: Primavera

GD: Beijo ou abraço?

RV: Abreijos

GD: Jazz ou Rock?

RV: Jazz

GD: Manhã ou tarde?

RV: E a noite? Manhã.

GD: 25 de Abril?

RV: Sempre.

GD: Séries ou filmes?

RV: Filmes.

GD: *Croissants* ou pão de Mafra?

RV: Acredito que o pão de Mafra seja mesmo bom.

GD: Mar ou montanha?

RV: Montanha

GD: Almoço ou jantar?

RV: Jantar

GD: O filme mais... mais... mais...?

RV: *Cinema Paraíso*, do Giuseppe Tornatore (que revejo frequentemente e faz verter as duas lágrimas na cena final).

GD: Jorge Nuno?

RV: Há dúvidas? Fui vizinho (de porta) durante 3 anos de um Jorge Nuno Pinto da Costa, é uma daquelas pessoas inteligentes e que nos surpreendem.

GD: Grupo Desportivo BPI?

RV: A quem não podia recusar estas palavras, com a admiração pela inteligência das perguntas.

Por Rui Duque, 12-08-2021